

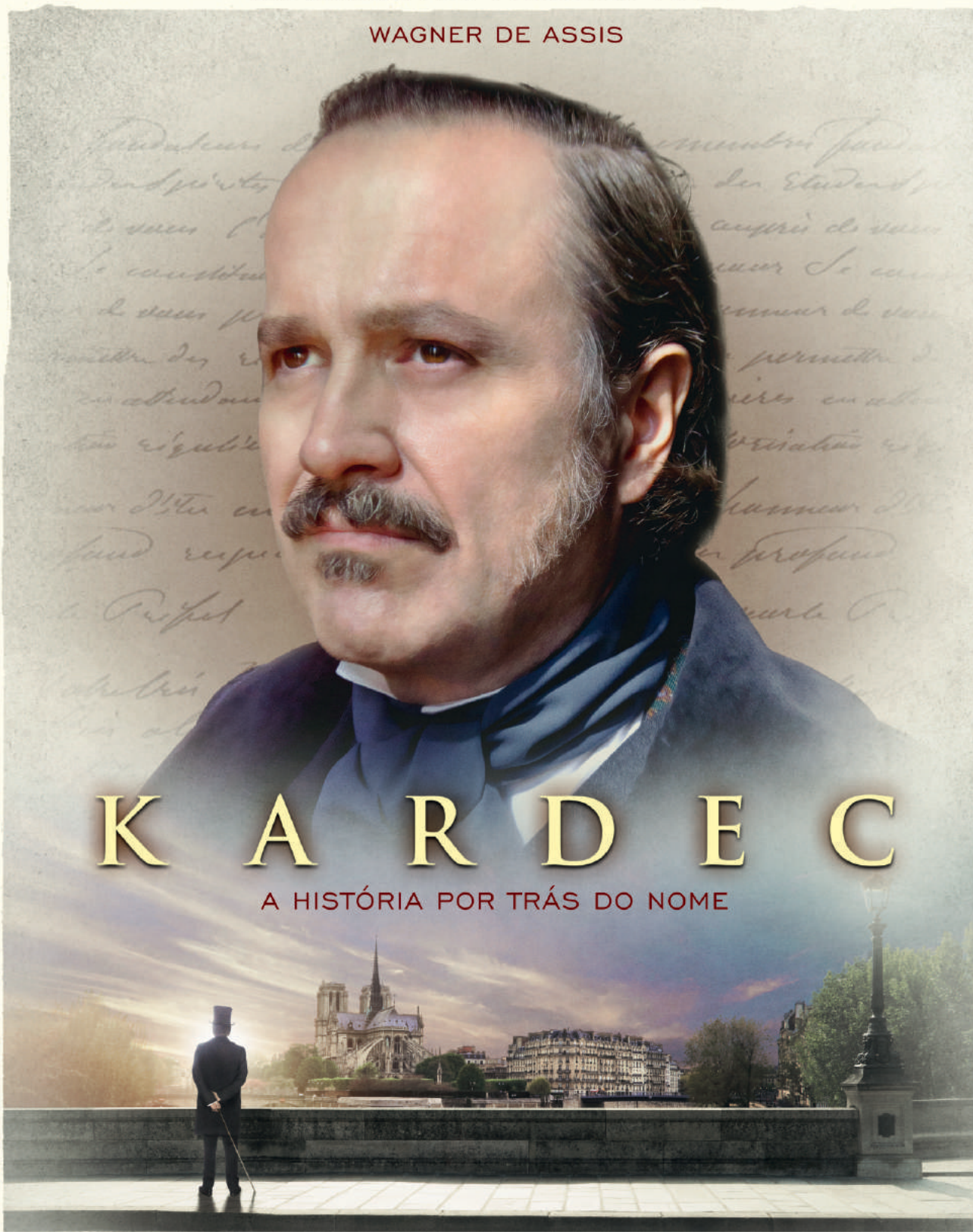
SONY PICTURES E CONSPIRAÇÃO APRESENTAM UMA PRODUÇÃO CONSPIRAÇÃO

DO DIRETOR DE NOSSO LAR

WAGNER DE ASSIS

KARDEC

A HISTÓRIA POR TRÁS DO NOME



KARDEC

Brasil - 2018 - Cinebiografia
Janela - 2:35 - Áudio 5.1 - 108min



ÍNDICE

- 04 - APRESENTAÇÃO
- 05 - ELENCO E FICHA TÉCNICA
- 06 - SINOPSE
- 07 - WAGNER DE ASSIS - DIRETOR
- 13 - L.G. BAYÃO - ROTEIRISTA
- 16 - LEONARDO MEDEIROS
- 20 - SANDRA CORVELONI
- 24 - CHRISTIAN BALTAUSS
- 26 - QUEM FOI ALLAN KARDEC POR MARCEL SOUTO MAIOR
- 29 - ARTE, FOTOGRAFIA E PRODUÇÃO
- 31 - ELENCO
- 39 - PRODUÇÃO
- 40 - DISTRIBUIÇÃO



APRESENTAÇÃO

Que tipo de dúvidas pode mover um homem a ponto de transformar toda sua vida? Tendo como pano de fundo a Paris de 1850, “Kardec” revela a trajetória do cético professor Hippolyte Léon Denizard Rivail - um dos discípulos do pedagogo suíço e pioneiro da reforma educacional, Johann Heinrich Pestalozzi - até adotar o pseudônimo Allan Kardec. O filme mostra o homem por trás da figura pública - desde seus primeiros conflitos, até se tornar o codificador e principal divulgador da Doutrina Espírita pelo mundo.

Inspirado no livro homônimo de Marcel Souto Maior, “Kardec” traz Leonardo Medeiros no papel principal e a atriz premiada em Cannes Sandra Corveloni como sua esposa, Amélie-Gabrielle Boudet, Gabi. No elenco estão também Guilherme Piva, Genézio de Barros, Guida Vianna, Dalton Vigh, Leonardo Franco, Julia Konrad, além da participação do ator francês Christian Baltauss.

Com produção da Conspiração e distribuição da Sony Pictures, “Kardec” tem direção de Wagner de Assis, que assinou também sucessos como “Nosso Lar” (2010), que levou mais de 4 milhões de espectadores aos cinemas. “Kardec” chega aos cinemas dia 16 de maio.

ELENCO

Leonardo Medeiros - Rivail / Allan Kardec
Sandra Corveloni - Amélie-Gabrielle Boudet
Guilherme Piva - P.P. Didier
Genézio de Barros - Padre Boutin
Guida Vianna - Madame De Plainemaison
Julia Konrad - Ruth-Celine Japhet
Charles Fricks - Charles Baudin
Licurgo Espinola - Sr. Babinet
Letícia Braga - Julie
Júlia Svacinna - Caroline
Dalton Vigh - Sr. Dufaux
Louise D'Tuani - Ermance Dufaux
Leonardo Franco - Sr. Carlotti
Christian Baltauss - General

FICHA TÉCNICA

Direção: Wagner de Assis
Roteiro: L.G. Bayão e Wagner de Assis
Produtora: Eliana Soárez
Direção de fotografia: Nonato Estrela
Direção de arte: Claudio Amaral Peixoto, Helcio Pugliese
Figurino: Kika Lopes e Rosangela Nascimento
Caracterização: Anna Van Steen
Montadora: Marília Moraes
Supervisão de Imagem: Sergio Pasqualino Jr.
Música original: Trevor Gureckis
Som Direto: Evandro Lima
Mixagem: Rodrigo Noronha, Gustavo Loureiro
Edição de som: Tomás Alem, Bernardo Uzeda
Supervisão de efeitos visuais: Claudio Peralta
Produção de elenco: Marcela Altberg
Supervisão de pós-produção: Adriana Basbaum
Coordenação de pós-produção; Thiago Silva
Coordenação de Lançamento: Paula Lima
Produtor delegado: Pimenta Jr.
Produtora Associada: Eneide Maia
Coprodução executiva: Tânia Pacheco, Mirella Girardi, Clarisse Goulart
Produtores executivos: Gustavo Baldoni, Maria Amélia Teixeira,
Leonardo M. Barros, Renata Brandão



SINOPSE

Paris, 1850. O fenômeno das mesas girantes intriga toda a Europa e o cético professor Rivail (Leonardo Medeiros) é convidado a uma sessão. Obstinado, ele inicia uma investigação em busca da verdade a partir de métodos científicos. Decidido a revelar seus estudos para o mundo, Rivail adota o pseudônimo Allan Kardec e lança sua primeira obra “O Livro dos Espíritos” - base da Doutrina Espírita. Perseguido, ele persiste e conta com o apoio companheiro de sua esposa, a também professora e musicista Amélie-Gabrielle Boudet (Sandra Corveloni).



WAGNER DE ASSIS - DIRETOR

Wagner de Assis, carioca, 48, é diretor, roteirista e produtor. Responsável pelos longas “A Cartomante”, “Nosso Lar” e “A Menina Índigo” e os documentários “Os Transgressores”, “Que Geração é essa?”. Foi autor de séries para TV como “Rondon, o grande-chefe” e de novelas como “Além do Tempo” e “Espelho da Vida”, da TV Globo. É responsável pela empresa Cinética Filmes, fundada em 1997.

ENTREVISTA

WAGNER DE ASSIS

O que mais o atraiu na história de Kardec?

A possibilidade de poder se transformar em qualquer momento da sua vida é um ponto chave. Ele é um homem de pouco mais de 50 anos, vivendo numa época na qual não se tinha grande longevidade, se aposentando de uma carreira bastante reconhecida como professor e autor de livros didáticos. Já tinha seu nome estabelecido pelo trabalho e alguma estabilidade financeira: não era rico, mas conseguia viver bem. O que poderia lhe tirar da zona de conforto? O que poderia mexer com ele de forma inexorável? Os espíritos. Ele nega os convites para as reuniões de mesas, se nega a acredita no que chama de credices e ilusões. Mas ao mesmo tempo, quando presencia um fenômeno com a mesa, se permite embarcar numa aventura poderosa, a ponto de vir a ser um novo homem naquela fase de sua vida. Isso tudo com um preço muito alto: perder amigos, perder o próprio nome, ser questionado, expulso das sociedades científicas, tudo para dar voz aos mortos, aos espíritos, e mostrar a imortalidade da alma. Isso é muito surpreendente, demanda muita coragem, resiliência, heroísmo essencial. É uma trajetória arquetípica num personagem totalmente fora do padrão do herói. Nos diz, de alguma forma, que podemos sempre buscar respostas para as nossas questões mais essenciais. Kardec é uma história esperançosa também que diz que, enquanto houver mãos e mente, você pode trabalhar, estudar e ajudar o próximo, que é o que ele fazia.

De que maneira o Marcel participou do filme? Ele chegou a dar alguma opinião sobre o roteiro?

O Marcel me mostrou as últimas versões do livro que ele escreveu sobre a vida do Kardec. Eu já conhecia a história, mas me impressionou muito a forma como ele procurou olhar para o personagem, com uma abordagem firme, honesta e jornalística. Percebi na época que aquele Kardec interessaria a todo mundo - o que se justifica pelo sucesso do livro. Claro que há outras biografias sobre o Kardec que também são muito interessantes. É um personagem maravilhoso. Só que o trabalho do Marcel trazia um olhar que acrescentava - e muito - ao que os livros mais conhecidos não tinham. Depois do lançamento, ele me convidou para um café e disse que eu tinha que levar a história para o cinema. Confesso que não tinha pensado nisso até aquele momento. Olhar factualmente o Kardec sob o ponto de vista histórico é muito poderoso e muito instigante. Você adentra um universo pessoal, para compreender processos não tão corriqueiros. Tenta conhecer mais a mente não do que já foi registrado historicamente, mas sim interpretando emocionalmente o que ele passou. O drama dele, os sentimentos, coisa que pouquíssima gente conhece de fato. Desde que o projeto do longa-metragem começou, Marcel tem acompanhado todos os processos e contribuído integralmente de forma excepcional para a melhor forma de contarmos a história que nos propusemos. Leu o roteiro enquanto eu escrevia. Ajudou nas pesquisas em Paris. Esteve nas filmagens e na edição. Ele é um entusiasta do tema. E posso afirmar que também é um apaixonado por Kardec, tanto o histórico como o filosófico e o espírita. Merece muitos elogios e reconhecimento pelo trabalho que faz. Ele reviveu Kardec, depois de ter escrito outra biografia muito importante, a do Chico Xavier.

ENTREVISTA

WAGNER DE ASSIS

Em contraponto ao Kardec, a figura feminina do filme é a sua esposa, Gabi. Fale um pouco sobre esse personagem.

A Amélie-Gabrielle Boudet, mulher do professor Rivail, aparentemente ainda não recebeu os devidos créditos por toda sua importância na história. Aos poucos, porém, esse espaço vem sendo preenchido e a história sendo reescrita. Fato é que esta mulher foi importante em todo o processo da codificação do espiritismo e toda a pesquisa do professor Rivail. Isso é especial neste momento em que estamos revendo a questão da igualdade de gêneros, da necessidade de transformamos discurso em fato, teoria em realidade. É interessante também pensar em quem é essa mulher que viveu em pleno século XIX, apenas algumas décadas depois da Revolução Francesa - uma revolução que pregava, igualdade, fraternidade, liberdade. Dá pra ver o quanto essa pregação ainda não era real. Mesmo assim, ela era uma mulher que viveu plenamente aqueles ideais. Nada mais justo, portanto, do que mostrar que, junto com o destemido e determinado professor Rivail, havia uma mulher exatamente como ele bem ao seu lado, não “a mulher atrás do grande homem”. Ao redescobrir isso a gente percebeu que a Gabi, como aprendemos a chamá-la na intimidade, é absolutamente importante para a história. Nos sentimos na obrigação de ratificar tudo o que ela foi e dar a devida importância à essa figura. Invadimos o cotidiano da Gabi e o do Léon, também como nos referimos a ele no aconchego do lar, e essa relação de casal, que é um romance muito lindo, também permite que a pesquisa seja feita.

Como foi a escolha do Leonardo Medeiros para fazer o Kardec?

Existem personagens que escolhem seus atores. É clichê, mas é verdade. O processo de escalação é talvez dos mais difíceis em toda a realização de um filme, mas também é mágico quando dá certo. O Leonardo Medeiros foi exatamente essa combinação de talento e magia. A gente o chamou para fazer uma leitura, que surpreendentemente foi horrorosa porque ele estava muito gripado e nós nem terminamos. Mas enquanto olhávamos para ele, eu, a Lili Soares e o Leo Barros, produtores do filme, víamos que havia um Kardec “escondido” ali. É intuitivo sim mas ao mesmo tempo há ponderações bem racionais sobre a capacidade do ator. Ao término daquela quase-leitura, o Léo me falou então sobre todo o seu envolvimento com o espiritismo - apesar de não ser sua escolha como doutrina oficialmente. Mas ele conhecia o Kardec, convivia com ele desde criança através dos livros espalhados. Nem precisávamos daquelas informações. A escolha tinha sido feita. Mas elas vieram com um sorriso no rosto e um sentimento de acerto. Me lembro também quando fomos fazer o primeiro teste de caracterização. O Leo estava com cabelo e barba enormes. Colocamos a foto real do Kardec ao lado do espelho. A caracterizadora Anna Van Sten foi cortando, barbeando e eu não conseguia ver o personagem. Aí, o telefone tocou, me distanciei e olhei inadvertidamente para o espelho - pronto! O Kardec estava ali! O Leo se transformou no próprio Kardec, guardava uma postura muito sóbria durante as filmagens. Emocionou a todos em diversos momentos. Esteve absolutamente concentrado. Contagiou o resto do elenco e conseguiu trazer um padrão de interpretação altíssimo. E isso eleva a sintonia para todos do elenco.

ENTREVISTA

WAGNER DE ASSIS

Que aspectos, ainda não tão conhecidos da história do Kardec, o filme vai apresentar?

Ao escrever o roteiro, ao conceber qual o recorte a história teria, pensei que deveríamos circunscrever os anos considerados mais importantes da vida dele e pronto. Não falamos de nascimento, adolescência, nem de velhice ou outros aspectos senão tão somente aquilo que mais importa - como Rivail vira Kardec, como ele descobre a vida dos espíritos, como este conhecimento é codificado e as dores de levá-lo a todos. Além disso, e, principalmente, há o desafio de entrar na casa do personagem, vê-lo de pijamas, tossindo, com medo, preocupado, incerto. Virar noites trabalhando, ficar doente, são aspectos humanos que o filme pretende contar e que são novidades para a forma como olham o Kardec atualmente. Vale lembrar que ele é quase idolatrado, mesmo que erroneamente, em muitos lugares. E, também, há os que não sabem nada e acham que ele foi um médium, a exemplo do Chico Xavier. Nada disso!

Como foi o clima no set de filmagens?

Nesse filme, aconteceu algo muito interessante que foi encontrar uma oração, colada na caixa de energia elétrica, quando visitávamos a última locação do filme ainda na fase de pré-produção. Era um texto sem assinatura, estava escrita à mão. Surpreendentemente, ou não, falava de gratidão ao trabalho, da possibilidade de colocar amor no que fazemos. Daí pensei: vamos ler isso todo dia, porque isso é algo muito bacana de acontecer. O set de cinema é muito estressante. É fundamental que as pessoas se sintam bem. Não dá para entrar ali exigindo, aos berros, que o ator que faça alguma coisa que demande extrema concentração e emoção. Ou que qualquer pessoa que está dando o seu máximo não se sinta parte integrante da realização. Lembro num dia em que estouramos o horário para fazer um movimento de câmera. Todos ensopados de suor, todos motivados, me pediram para não parar a filmagem enquanto não conseguissem. Quando acabou, estavam todos exaustos, como um jogo de futebol de onde saímos ganhando. No final, quem ganha é o público. Esse filme também ia ter muita fumaça no set, por conta do ambiente que queríamos criar. Consegui uns aromas para espalharmos pelo set e a coisa foi funcionando, para deixar aquela fumaça menos desagradável. Também coloquei música clássica para tocar todo dia pela manhã. Estávamos contando uma história que se passa em 1855, então pensamos em fazer uma ambientação nesse sentido.

ENTREVISTA

WAGNER DE ASSIS

Quais foram os desafios de fazer um filme de época ambientado na França, filmado no Rio de Janeiro?

Nós filmamos em Paris, em lugares específicos nos quais entendíamos que era possível recriar aquele ambiente de 1855. A cidade não é mais a mesma, claro. Mas ainda há pedacinhos de passado sem interferências modernas que podem ser enquadrados. Claro que a computação gráfica ajudou em todas essas cenas, mas estar lá, à beira do rio Sena, foi fundamental, essencial, para este filme existir. Um grande esforço de produção. Vale lembrar também que o filme se passa numa Paris pré-revolução arquitetônica, de ruelas, becos, esgotos nas ruas, com muita sujeira e ratos espalhados, ou seja, é uma cidade ainda bem opressora. As cenas de interiores foram filmadas no Rio de Janeiro. Temos muitos lugares que respiram aquela França pela influência muito grande da arquitetura daquele país no Rio. Porém, apenas isso não bastava: a cenografia tinha que acompanhar, o figurino e a fotografia tinham que estar em sintonia. Brinco que o nosso filme teve duas figurinistas espetaculares que sabem tudo, a Kika Lopes e a Rô Nascimento; dois diretores de arte, o Cláudio Amaral Peixoto e o Helcio Pugliesi; e dois diretores de fotografia, o Nonato Estrela e o Caravaggio - só que o Caravaggio não veio pessoalmente (risos). Queríamos reproduzir essa coisa de claro e escuro, de uma vida iluminada pelas velas e lampiões. A luz elétrica viria ainda anos depois para Paris. Então, é naquele ambiente de pouca luz que o filme tenta ambientar os personagens e trazer os espectadores para a história. Mas pouca luz não significava escuro - então, toda a luz do filme é desenhada para nos sentirmos acompanhando Kardec ao longo de sua jornada.

ENTREVISTA

WAGNER DE ASSIS

Como atrair uma pessoa que não é espírita para ver um filme sobre Allan Kardec?

O Kardec e seu trabalho fazem mais parte da vida dela do que imagina - porque ele era um homem de ciências, racional, pragmático, que usou métodos considerados científicos e o enorme bom senso para buscar descobrir e entender uma realidade que é interessante a todos os seres humanos - de onde viemos, para aonde vamos, quem somos nós. De fato, um dos maiores desafios do filme é colocar na tela uma história de interesse universal e que esteja neste lugar em comum que possa atrair e agradar tanto a quem conhece Kardec, seja espírita ou simpatizante, mas também para quem não conhece o Kardec. Buscamos elementos históricos que fossem reconhecíveis por qualquer pessoa. São temas que fazem parte dos nossos códigos quando falamos de assuntos como espiritualidade. Nossa história tem muitos deles: transformação, descobertas de informações inéditas, prazer de criar e compartilhar conhecimento. Kardec é um personagem com muita curiosidade, mas sempre baseado em racionalismo; sua história também tem romance, um amor maduro e forte para aguentar todas as dificuldades, além de medo, insegurança, pesadelos. O filme é uma história de transformação e o mais interessante para nós foi contar justamente essa transformação. Que, em certo grau, pode acontecer sob qualquer aspecto dentro do tema espiritualista ou teológico a qualquer pessoa que queira entrar nessa jornada de conhecimento e autoconhecimento. Somos seres em eterna transformação e buscamos respostas. Qualquer pessoa que use a razão e busque sentido para as coisas da vida e que goste de pensar sobre o tema pode ver o filme. E espero que goste e torça pelo Kardec.



L.G. BAYÃO - ROTEIRISTA

Luiz Gustavo Bayão é escritor e roteirista. Estreou no cinema assinando roteiro e direção do curta “Roleta Russa”. Mais tarde participou da adaptação do longa “Helena”, com direção de José Henrique Fonseca e tendo Rodrigo Santoro no papel principal. Bayão teve duas indicações ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, sendo a primeira por “Irmã Dulce” (2015), na categoria melhor roteiro original; e depois por “D.P.A - O Filme” (2018), na categoria melhor roteiro adaptado. Entre seus últimos trabalhos estão “Shaolin do Sertão”, de Halder Gomes; “O Doutrinador”, de Gustavo Bonafé; e “Minha Fama de Mau”, de Lui Farias.

ENTREVISTA

L.G. BAYÃO

Como foi o convite para escrever a história de Kardec?

Faz tempo que estou envolvido neste projeto. A Conspiração queria muito fazer esse projeto e me procurou para a pesquisa inicial. Logo depois conheci o Wagner e foi um encontro muito feliz.

Como foi o processo de pesquisa?

Tive duas fontes de pesquisas que foram fundamentais desde o primeiro dia para escrever o roteiro. A primeira é o livro do Marcel, o “Kardec”, que também para o Wagner foi a peça mais importante de pesquisa. E o próprio Wagner. A gente escreveu junto o roteiro e busquei ele em muitos momentos de dúvida. Enquanto eu tinha que encontrar esse personagem - que é professor, esse cara que acreditava no concreto, que tinha que se ver diante da possibilidade de enxergar o mundo de uma forma diferente - o Wagner era o cara que embarcava nisso comigo, mas trazia as questões históricas e o que ele conhecia do Kardec.

Você lembra da primeira vez que ouviu falar sobre Allan Kardec?

Acho que todo mundo em algum momento já ouviu algo. Eu, pelo menos, ouvi ainda bem jovem sobre o Kardec e a Doutrina Espírita. Para mim, a porta para o Kardec foi o próprio “O Livro dos Espíritos”. Eu já tinha lido o livro e acho que foi uma parte importante para eu ter aceitado o convite. Acho que é uma obra saborosa, que dá vontade de saber mais e eu guardava essa lembrança boa sobre o livro que tinha lá em casa. E entender o cara que fez o livro, o cara que organizou a Doutrina, que fez com que o livro existisse, foi o que me chamou para dentro do projeto com maior força.

Como é acompanhar uma cena que você escreveu na gravação do set de filmagens?

Fiquei meio tenso de ter ido ao set. A partir do momento em que o diretor dá o “ação” e você começa a ver o que você escreveu ganhando vida... Isso já é muito forte na leitura com os atores, mas quando você vê todo mundo caracterizado, com a luz linda do Nonato, achei tudo incrível, foi além do que eu imaginava. Escrevi com uma imagem na cabeça, mas com o tempo assumi o que depois vi em cena mesmo.

ENTREVISTA

L.G. BAYÃO

O que o público pode esperar dessa história?

É basicamente uma história de transformação. Nesse ponto, a gente acaba se enxergando na história do próprio Kardec. Porque todos nós passamos por transformações o tempo inteiro. Esse salto de fé que ele deu, para esse universo que se abria diante dele, é algo com que a gente acaba se identificando. Acho que todos passamos por isso em algum momento da vida, mas no caso dele, sendo um cara já de idade avançada, já com uma carreira respeitada e sólida, dar esse passo é ainda mais interessante de assistir. Então acho que é uma lição para todos nós, que emociona. É uma aventura que se abre para a gente. É um convite para uma jornada muito bacana de acompanhar na tela. E acho que existe muito esse componente de transformação. Todos nós estamos em constante transformação e de fato isso modifica a forma como a gente enxerga o mundo. E é isso que queremos mostrar através de “Kardec”.



LEONARDO MEDEIROS - RIVAIL / ALLAN KARDEC

Leonardo Medeiros estudou Artes Cênicas na USP e na British Theatre Association, em Londres. Desde então soma trabalhos no teatro, na televisão e no cinema. No teatro, atuou em peças da Sutil Companhia de Teatro como “Temporada de gripe”, “Avenida Dropsie” e “Não sobre o amor”. Também trabalhou ao lado de Helena Ranaldi no espetáculo “A Música Segunda”. Na televisão, esteve em “A Muralha”, “Os Maias”, “Amazônia, de Galvez a Chico Mendes” e “Sete Vidas”, da Rede Globo; “Os Ossos do Barão”, do SBT; e “Meu Pé de Laranja Lima”, da TV Cultura. No cinema, participou de produções como “Alma Corsária”, “Cabra Cega”, “Lavoura Arcaica”, “O Cheiro do Ralo”, “Budapeste”, entre outros. Em “Kardec”, Leonardo interpreta o professor Rivail, que ao codificar a Doutrina Espírita adota o pseudônimo Allan Kardec.

ENTREVISTA

LEONARDO MEDEIROS

Como foi o convite para fazer parte do elenco e interpretar Kardec?

Começou mais ou menos há um ano, quando o Wagner (de Assis) me chamou para uma leitura na casa da Lili, que é a produtora do filme. Acho que ele estava procurando o elenco ainda e esse personagem é crucial para a história, claro. Na verdade, cheguei lá sem muita expectativa. Estava muito gripado no dia e acabou sendo uma leitura complicada para mim. Mas ali tive uma intuição de que tinha acontecido alguma coisa muito legal e positiva. Então começamos a conversar, mas eu estava envolvido em outros trabalhos, então ficamos nutrindo essa expectativa: eu querendo fazer e eles querendo que eu fizesse. No fim, deu tudo certo!

Como foi a sua preparação para o personagem? Você chegou a conversar com o Marcel, autor do livro que inspirou o filme?

Acho que essa preparação começou há muito tempo porque venho de uma família muito espírita. Eu não sou espírita, mas cresci neste ambiente repleto de Kardec. Minha família é muito tradicional no espiritismo e minha mãe, claro, tem todos os livros de Kardec. Então esses livros sempre estiveram espalhados pela minha casa e a mensagem deles é muito forte para mim. Várias frases que eu falo no filme são coisas que escuto minha mãe dizer para mim desde criança. Acho que foi, principalmente, um trabalho de internalização porque o Kardec não é um personagem que exige um treinamento, como um cirurgião ou um motorista. Ele é um cara da cabeça. O mundo dele é o mundo interior. Fiz uma preparação mental para tentar me aproximar dessa criatura que é mais psicológica. Por que, na verdade, o Kardec é um cara comum que é colocado em uma situação extraordinária. Esses personagens para mim são muito especiais. Adoro esse tipo de personagem, adoro o homem comum. O homem comum colocado em uma situação extraordinária é um espetáculo, né? Um prato cheio para se trabalhar.

O que você aprendeu com a história de Kardec? Como você o definiria?

Acho que o menos importante é ser ou não espírita, porque o espiritismo não é uma religião, mas uma doutrina que tem consequências religiosas e que fala de outras coisas muito mais interessantes como a caridade e o amor ao próximo. A minha convivência com os espíritas sempre foi uma coisa incrível, porque eles são pessoas muito legais de estar juntos. Para mim, o Kardec é isso: esse espírita pioneiro que representa essa gente toda que esteve na minha vida.

ENTREVISTA

LEONARDO MEDEIROS

O que você sentiu quando se viu caracterizado pela primeira vez como Kardec?

Eu me olhei e me senti a quilômetros de distância. Porque essa imagem do Kardec que todo mundo conhece está impressa nas capas dos livros que estavam na minha casa. Então convivi com essa figura também, com esse ícone e acabou ficando essa questão de me aproximar dessa imagem que é histórica. Quando a gente começou as filmagens em Paris, eu não sentia que estava parecido com ele, então tentei fazer uma aproximação interior. Mas, em algum momento em Paris, lembro que estava filmando, caracterizado como o personagem, e passei por um reflexo meu. Quando olhei, vi o Kardec. Aí eu relaxei. Fiquei muito tranquilo naquele momento.

O que foi mais desafiador em fazer Allan Kardec nos cinemas?

Eu, de fato, não conhecia o personagem. Não existe nenhuma descrição sobre o comportamento e as características dele. Mas em umas das biografias, que foi escrita logo depois que ele morreu, tem um parágrafo, no livro inteiro, que diz o que os amigos achavam dele e realmente ele era um homem comum. Dizem que ele era um cara bem-humorado, que recebia os amigos em casa, um cara legal de estar junto... não tem mais nada. Então a aproximação que faço dele é totalmente por intuição. Como um cara nessa situação, como um educador, homem das Ciências, como esse cara reage as coisas que estão acontecendo com o mundo. Então, conhecer o Kardec é um processo diário para mim. Ele se apresenta.

O que mais o surpreendeu na história do Kardec?

O mais surpreendente, e muito especial para os dias de hoje, é que ele tinha a cabeça aberta. Ele era um cientista em uma época muito dura da ciência, na época do determinismo, em meados do século XIX, quando os grupos científicos também eram muito sectários. Então ele, como cientista, não aceita que uma evidência seja negada. Isso revela uma pessoa que tem a mente aberta para o possível. Ele escapa do quadrado que a ciência estava e coloca uma teoria a respeito da espiritualidade humana, que é tão consistente quanto a teoria de Freud vai fazer 20, 30 anos depois e que foi aceita pela ciência, embora até hoje ainda tenha controvérsias. A coragem que o Kardec teve, de apresentar isso como uma teoria científica, só pode vir de um homem que está imbuído de que uma verdade precisava ser confrontada. O Kardec é um cara importante hoje. Estamos precisando ter flexibilidade de pensamento, ver todas as vertentes e ser generoso com as ideias.

ENTREVISTA

LEONARDO MEDEIROS

Você acredita que a temática espiritualista do filme é o que vai chamar atenção do público nos cinemas?

Acho que a força do filme é exatamente essa. É a redenção de um homem que acredita em alguma coisa. A gente não entra no mérito de se aquilo que ele acredita é verdadeiro ou não. O que temos é um homem de caráter, que acredita muito em algo e tem muita determinação diante disso. Hoje temos muita gente boa, com ideias grandiosas, mas que são tolhidas de progredir. Acho que ele é um exemplo e o bonito e o emocionante da história é isso: quando você acredita em alguma coisa, você pode conseguir provar sua ideia. As ideias têm lugar e precisam ser escutadas.

O que você acha que o público pode esperar do filme?

O filme é lindo! É um filme bem cuidado, temos um trabalho de caracterização que é primoroso, a arte, figurino, cenário, a reconstituição da época. Só isso já vale o filme. Além disso, tem essa história linda também. Uma história de redenção, procura, perda, reencontro. É um filme muito humano e generoso.



SANDRA CORVELONI - AMÉLIE- GABRIELLE BOUDET

Sandra Corveloni é uma atriz consagrada no teatro e no cinema. Em 2008, ganhou o prêmio de melhor interpretação feminina no Festival de Cannes pelo filme “Linha de Passe”. Além do longa, Corveloni também participou de produções como “O Filme dos Espíritos”, “Onde Está a Felicidade?”, “Somos Tão Jovens”, “Sangue Azul”, “A Glória e a Graça”, “Vazante”, “Polícia Federal - A Lei é para Todos”, entre outros. Na televisão, Sandra participou de séries e novelas da Rede Globo como “Malhação”, “Amor Eterno Amor”, “Amor à Vida”, “Boogie Oogie”, “O Outro Lado do Paraíso”, entre outros. Em “Kardec”, a atriz vive Gabi, esposa de Allan Kardec.

ENTREVISTA

SANDRA CORVELONI

Como foi o convite para fazer o filme?

A produtora de elenco já conhecia o meu trabalho e tinha interesse em que eu fizesse o filme. Li o roteiro e logo me vi fazendo. Conforme avançava, eu me via nas cenas, me via vestida, foi interessante. Na época, eu estava fazendo um trabalho no Rio e aproveitei a oportunidade para marcar um café com o Wagner (de Assis) para conversar sobre o filme, saber melhor sobre o que era. E foi muito legal. O Wagner é uma pessoa adorável e a conversa foi muito boa. Saímos de lá ambos com muita vontade de que eu fizesse o filme.

Fale um pouco mais sobre a sua personagem.

A Gabi é uma mulher de sua época. Ela trabalhava em casa dando aulas de piano. E conversava com o marido de igual para igual também. Pelo comportamento da época, ela não podia fazer as mesmas coisas que os homens, como participar dos debates da Academia de Ciências. Mas a Gabi era uma mulher que sabia de tudo que estava acontecendo com o marido e foi fundamental para que ele levasse adiante a pesquisa. Ela não só o apoiou como estava com ele quando receberam a mensagem de que a vida deles iria mudar completamente. Gabi e Kardec são muito companheiros. Ele busca o apoio o tempo todo nela. E o livro do Marcel, que aborda os acontecimentos mesmo após a morte de Rivail, mostra que a Gabi acaba arcando com todas essas responsabilidades, vai parar no banco dos réus e acaba tendo que responder por muitas coisas que o casal fez.

Como foi trabalhar com o Wagner?

A grande inspiração do filme é o Wagner. Ele sabe muito bem o que quer, é muito focado. Nós conversamos muito, tivemos um processo de ensaio bastante interessante. Lemos com muita calma o roteiro, discutíamos o roteiro, comparávamos com o livro original francês de “O Livro dos Espíritos”. O que achei mais lindo é que a gente ia entrando junto com a história do Léon e da Gabi. Foram encontros muito especiais. O Leonardo Medeiros também me inspirou muito. Em cena, ele transmite uma calma, uma coisa que é racional, mas que ao mesmo tempo é tão de verdade. O jeito que ele fala e que ele me olha em cena... Pensei que realmente estamos mergulhando no desejo de saber se realmente os espíritos estão nos dizendo coisas.

ENTREVISTA

SANDRA CORVELONI

Houve algum momento do filme que te tocou?

Vários momentos. Tem uma cena que fizemos, que foi muito silenciosa, só eu e o Léo. Ele chega super triste, vai para o gabinete e diz que não quer falar com ninguém, não quer ver ninguém. Minha personagem pergunta o que aconteceu e ele responde: “Eu não sei se sou a pessoa certa”. Ai, aquilo cortou meu coração! Em outra cena o Léon mostra para os amigos como investigar a verdade das mensagens espirituais. É uma cena importante para o filme, pois é uma cena que mostra o estudo realizado por ele. Todos ficam muito emocionados, pois é o momento em que se mostra que a pesquisa foi levada muito a sério. E na cena ele fala que o que impede o crescimento moral e intelectual da humanidade é o orgulho e o egoísmo. Acho que é o caso de se pensar, né?

Além do livro do Marcel, você chegou a ler outra obra para saber mais sobre a Doutrina Espírita?

A minha formação é de um sincretismo religioso muito grande. Como nasci no interior, vi coisas muito interessantes de manifestações religiosas e espirituais. Então, trago tudo isso junto para esse filme. Tenho muitos amigos do Candomblé e da Umbanda. Acho que tudo isso me deu uma abertura para ter muita fé nas pessoas, nos acontecimentos e na força interior. E a coisa mais bonita é que, na verdade, independentemente de religião, o filme passa uma mensagem de amor.

O que te surpreendeu na história de Allan Kardec?

As pessoas falam muito de Allan Kardec, mas o que é muito curioso é que sempre que ouvimos falar dele, parece ser uma pessoa muito voltada para a espiritualidade e para a Doutrina Espírita. Acho que não existia, antes dessa biografia do Marcel, essa história anterior a Allan Kardec. O interessante é que o filme mostra como o Allan Kardec virou o Allan Kardec, quem foi o professor Léon e como ele vivia. Ele era casado com Amélie-Gabrielle e esse casal, que são dois professores sem filhos, se dedicam totalmente ao ensino da música, da língua, da literatura, da filosofia. Eles se conheceram em uma escola. Chegaram a abrir uma, mas tiveram que fechar por conta dessa imposição que havia na época, do ensino religioso, e eles eram contra isso. Isso é muito interessante: o homem que codificou a Doutrina Espírita não era religioso. Acho que esse filme vai trazer um ponto de vista que vai aproximar o público dessas pessoas históricas, mas que eram também pessoas comuns.

ENTREVISTA

SANDRA CORVELONI

Como foi fazer um filme de época em Paris?

Filmar em Paris foi impactante. Sair do camarim, atravessar a rua e entrar em uma carruagem: parece que você está entrando em um portal para um outro tempo. Isso é muito difícil. O cinema brasileiro não tem muito *know how* de filme de época. Nós já fizemos muita coisa interessante, mas não é algo corriqueiro. É um tipo de produção mais demorada, que demanda uma equipe muito engajada. Em Paris, parte da equipe era francesa, então parte era falado em francês, parte em português, tinha um inglês também para fazer um meio de campo ali. Fora que lá, em Paris, nós, por exemplo, fizemos a cena final do filme nos jardins do Palais Royal e o Wagner apontou e comentou conosco que existia uma sala que foi a primeira Associação de Estudos Espíritas. Ou seja, tudo começou ali! Acho que foi muito importante aproximar esse ambiente para o filme. Além disso, a direção de arte também conseguiu fazer muito bem a transposição de Paris aqui no Rio. Fiquei encantada, por exemplo, com o prédio da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Tínhamos realmente a sensação de que estávamos atravessando um portal para 1800.

O que o público pode esperar do filme?

Espero que o público encontre a mesma coisa que eu encontrei quando li o roteiro pela primeira vez. Eu não sabia nada, li o roteiro e me transporte para aquele mundo, as imagens me vinham à mente. Amei conhecer a história de Allan Kardec antes dele se tornar Allan Kardec. Isso me encantou porque aproximou de mim uma pessoa de quem eu sabia pouco, quase nada, e que era um professor, uma pessoa comum, que doou a vida para codificar essa Doutrina. Então, espero que o público encontre um filme investigativo, que traz essa mensagem de amor, de que não existe salvação fora da caridade. Essa é a mensagem primeira da Doutrina Espírita e ela é muito importante para o momento que estamos vivendo, de tanto egoísmo. O mundo deveria servir para os humanos, mas não é assim. Então espero que as pessoas encontrem uma luz com esse filme.



CHRISTIAN BALTAUSS

Ator francês, Christian Baltauss trabalhou com alguns dos maiores nomes do cinema como François Truffaut, em “O Último Metrô”; Luis Buñuel, em “O discreto Charme da Burguesia”; e Marguerite Duras, em “La femme du gange”. O ator também tem uma extensa lista de peças teatrais, tendo atuado em montagens shakespearianas como “Romeu e Julieta” e “Ricardo II”; e de Molière, “O Doente Imaginário”. Em “Kardec”, Christian é o General, homem misterioso que é ajudado por Kardec.

ENTREVISTA

CHRISTIAN BALTAUSS

Antes de fazer o filme, você já conhecia a história de Allan Kardec?

Não conhecia a história e nem mesmo quem ele era. Foi tudo muito novo para mim. Também foi uma grande surpresa perceber que Kardec era mais famoso fora da França, seu próprio país!

Como foi participar de uma produção brasileira?

Foi muito interessante. Tive a sensação de me juntar a uma família estrangeira. Houve uma sinergia muito positiva com Wagner, logo na primeira vez que nos encontramos em Paris. Eu senti imediatamente que amaria trabalhar com ele. O melhor de tudo é que toda a equipe era como ele: pacífica e trabalhando em harmonia. Quando cheguei ao Rio de Janeiro também me senti em casa! Todos foram muito generosos, gentis, lindos, sorridentes e tateis. Vim com minha esposa, Ilka, e passei momentos incríveis no Brasil.

Como foi trabalhar com o Wagner de Assis?

Ótimo! Ele confiou em mim desde o começo, decidi dar o melhor de mim, o melhor para esse personagem. No set, conversamos sobre vários assuntos para nos conhecermos melhor. Claro, principalmente sobre cinema! De fato, foi como viver momentos preciosos, fora da realidade, mas ainda muito reais.

Fale um pouco mais sobre o seu personagem, o General.

O General é um personagem que é um verdadeiro enigma humano. Será que ele realmente é um General? Apesar da extrema pobreza, o personagem mostra uma extrema dignidade e os frequentes encontros com Kardec não trazem uma resposta clara, o que contribui para desenvolver uma misteriosa complexidade em torno do personagem. Na minha carreira muitas vezes participei de produções históricas ou com personagens misteriosos.

O que achou do trabalho de ambientação para a Paris de 1850 no Rio de Janeiro?

Fiquei muito surpreso, principalmente quando cheguei à Cinelândia, que achei muito parecida com a Opera Garnier, em Paris. Esta arquitetura Haussmaniana é tipicamente parisiense! Estive em outros bairros do Rio que também me senti como se estivesse em Paris. Nós filmamos na Rue de Bièvre, em Paris, que era bastante semelhante a um lugar que filmamos no Rio. A equipe como um todo realmente trabalhou duro para recriar a Paris de 1850 no Rio. Quero parabenizá-los por este trabalho incrível!



QUEM FOI ALLAN KARDEC POR MARCEL SOUTO MAIOR

“Kardec - A Biografia” é o nome do livro do jornalista Marcel Souto Maior que inspirou o filme, dirigido por Wagner de Assis. A obra de Marcel relata a vida do professor e pesquisador Hippolyte Léon Denizard Rivail, começando pelos seus primeiros contatos com os fenômenos espíritas, a adoção do nome Allan Kardec, sua pesquisa e desafios para a codificação da Doutrina Espírita.

Na temática espírita, antes da biografia, Marcel já havia lançado os livros “As vidas de Chico Xavier”, que foi para os cinemas como “Chico Xavier”, dirigido por Daniel Filho; e “Por trás do véu de Ísis”, que também foi adaptado para as telonas e se tornou “As Mães de Chico Xavier”, dirigido por Glauber Filho e Halder Gomes; e ainda “As Lições de Chico Xavier”, livro que encerrou a trilogia baseada em Chico Xavier.

QUEM FOI ALLAN KARDEC POR MARCEL SOUTO MAIOR

Como você descobriu Allan Kardec?

A primeira vez que ouvi falar em Allan Kardec foi por uma tia que me deu “O Livro dos Espíritos”. Eu era muito cético, mas lembro também que fiquei muito impressionado. Principalmente quando entendi que as respostas que estavam no livro vinham dos espíritos. Aquilo me impressionou. Mas, foi quando entrei na vida do Chico que me aprofundei em Kardec. A principal referência de Chico era o Kardec. Ele foi tão importante na vida do Chico que só após ter conhecimento sobre a obra do Kardec é que Chico percebeu que as visões e as vozes que ele ouvia não eram fruto de uma esquizofrenia. Minha pesquisa sobre o Chico e o Kardec aconteceram quase que simultaneamente. Primeiro sobre o Chico, para saber como foi a vida dele e como a obra do Kardec o guiou. Depois com o Kardec, pois sentia que faltava contar a história dele. É como se um ciclo tivesse se fechado agora. Eu conhecia um Kardec da obra que ele realizou. O que fiz agora foi mergulhar na trajetória desse homem e nos altos e baixos de sua vida. Ele passou por diversos obstáculos e decepções.

O que te surpreende na história de vida dele?

O Kardec viveu duas vidas em uma só. Ele passa dos 50 anos e aquele professor cético se torna um missionário. Eu me impressiono muito, e me enxergo um pouco nele nesse ponto, é essa curiosidade de pesquisador, quase um jornalista, como eu. Mas, além disso, algo que descobri após estudar a vida do Kardec, é que ele falava assim: “Fora da caridade não há salvação”. Sempre achei essa ideia meio autoritária e não entendia bem. Depois estudando a linha do tempo do Kardec e vendo o tanto que ele sofreu de ataques - da Ciência, da Igreja, da Imprensa -, entendi o que ele quis dizer. Existia muita gente que criticava os fenômenos e no auge dos ataques ele dá uma orientação para os espíritas mais sérios que é a de ajudar o próximo. Então quando ele diz que fora da caridade não há salvação, ele quer dizer que não há salvação nem para o espiritismo. Porque se a Doutrina ficasse presa só a fenômenos, que às vezes poderiam ser duvidosos, ela ficaria em risco. Então ele diz que as pessoas podem rir dos espíritos e questionar o invisível, mas elas não podem questionar a caridade e a solidariedade. Foi aí que eu entendi a mensagem.

Você escreveu duas biografias espíritas, a do Chico Xavier e a do Allan Kardec. O que existe em comum entre as duas histórias?

O que une Kardec e Chico Xavier é um sentido de missão muito forte. Eles defendiam verdades em que acreditavam e queriam difundir. Tinham um sentido de doação muito grande: abriram mão da própria privacidade. O Kardec abriu mão do prestígio que tinha na Ciência e do próprio nome de batismo, Rivail, por exemplo. Eles também tinham um sentido de aceitação muito apurado. Acho que você pode não acreditar em nada, mas a gente pode aprender com a trajetória desses homens.

QUEM FOI ALLAN KARDEC POR MARCEL SOUTO MAIOR

Qual é o apelo para que o público mais cético vá ao cinema ver Kardec?

O Chico Xavier é muito mais conhecido pelos brasileiros, até por aqueles que não são espíritas, do que o Kardec. Mas nós temos pelo menos 15 mil centros espíritas Kardecistas no país. Esses são centros de estudos da obra do Kardec e de prática das lições de Kardec, baseadas em caridade. Então a gente tem no Brasil uma rede de solidariedade enorme que se mobiliza a partir de “O Livro dos Espíritos”, do “Livro dos Médiuns”, do “Evangelho Segundo o Espiritismo” etc. Ou seja, toda a obra do Kardec que é estudada profundamente por essas pessoas. Mas imagino que o filme pode levar muita gente que não o conhece a abrir os livros do Kardec e a encontrar repostas nessas obras. O Chico Xavier costumava falar: “Na dúvida, leiam Kardec”. No próprio filme, Kardec lança perguntas e deixa as repostas em aberto. Onde estão essas repostas? Estão na obra dele. Acho que isso pode ajudar muita gente.

É na Paris de 1850 que se inicia a história do professor Rivail com seus primeiros contatos com o espiritismo. Neste período, ainda antes da construção da Torre Eiffel, a cidade passava por grandes obras, enfrentava problemas como muitos miseráveis às ruas, ratos e pragas, além de ser um período anterior à luz elétrica, o que tornava o cenário ainda mais escuro. Para dar a “Kardec” os elementos necessários da época e recriar as características do ambiente, o diretor Wagner de Assis contou com nomes como Claudio Amaral Peixoto, Nonato Estrela e Eliana Soárez, na direção de arte, fotografia e produção, respectivamente. O time teve, dentre outros desafios, filmar em Paris em uma semana e achar locações no Rio de Janeiro que não fugissem da ambientação do filme.

Claudio Amaral, diretor de arte, explica que iniciou o trabalho de pesquisa com elementos de cena que não precisariam ser de época, mas que parecessem ser. “No filme de época, você tem que partir do zero, praticamente. Temos que fazer uma viagem de volta, ver os elementos que eram usados naquele momento específico. Mas o mais importante é entender como esses elementos vão ser mostrados para o público”. Ele comentou que sua grande dificuldade foi entender o que poderia ou não ser revelado em cena. “Depois que entendemos que era uma época escura e que os interiores eram escuros, começamos a trabalhar revelando o que interessava e não dando destaque a outras coisas não tão relevantes”.

Sobre a opção de trabalhar com o claro e o escuro nas cenas, o diretor de fotografia do longa, Nonato Estrela, comentou que buscou referências no pintor Caravaggio, conhecido por suas obras marcadas pelo jogo de luz. “Peguei o Caravaggio como referência para o filme, pois ele trabalha com claro e escuro muito bem definido e nós tivemos muitas locações que permitiam esse tipo de atitude na fotografia. Então trabalhei muito com fontes únicas e com lentes mais longas”.

Além disso, a equipe teve outro desafio, o de continuar as ambientações de Paris no Rio de Janeiro. “As externas são muito mais complicadas para fazermos porque é o que é, não dá para sair cobrindo coisas que estejam fora da nossa história. Mas uma coisa que ajudou muito a gente é que temos muitas construções de influência francesa no Rio de Janeiro, algumas feitas, inclusive, por arquitetos franceses. Então contamos muito com os efeitos de claros e escuros, câmeras mais ágeis, pós-finalização”, explica Claudio.

A produtora Eliana Soárez comentou sobre o clima do trabalho desde o início do projeto. “O processo de produção foi muito bem planejado. Tivemos um set muito organizado e calmo. A gente sempre começava o dia de trabalho de um jeito muito tranquilo”. Para ela, a equipe como um todo agregou muito valor de produção na obra. “Eu, como produtora, fico muito feliz de ter participado de 'Kardec'. Dá muito orgulho ter montado uma equipe tão bacana e com tanta harmonia. Queria muito estar no projeto e sinto como se o filme fosse meu primeiro filho. Foi um trabalho muito gostoso de fazer, do início ao fim”, avalia.



GUILHERME PIVA

O ator Guilherme Piva acumula trabalhos na televisão e no cinema. Dentre algumas produções de TV estão novelas e minisséries como “Xica da Silva” e “Mandacaru”, da TV Manchete; “Chiquinha Gonzaga”, “Porto dos Milagres”, “Esplendor”, “Chocolate com Pimenta”, “A Grande Família”, “Sete Pecados”, “Insensato Coração”, “Lado a Lado” e “Novo Mundo”, da Rede Globo. No cinema, o ator participou de filmes como “Madame Satã”, “O Inventor de Sonhos”, “Paraíso, aqui vou eu”, entre outros. Em “Kardec”, Guilherme é Didier, editor dos livros de Kardec.



GENÉZIO DE BARROS

Formado pela Escola de Artes Dramáticas da USP, Genézio Barros contabiliza em seu currículo mais de 40 peças teatrais. Dentre elas, destaca-se as montagens “Longa Jornada De Um Dia Noite Adentro” e “Inimigos de Classe”, em que conquistou o Prêmio Mambembe de Melhor Ator. Genézio também é premiado no cinema com o prêmio de melhor ator pelos longas “Ação Entre Amigos” e “Quase Nada”. Na televisão, atuou em produções como “O Rei do Gado”, “Mad Maria”, “O Profeta”, “A Favorita”, “Cordel Encantado”, “Gabriela”, “Verdades Secretas” e “O Outro Lado do Paraíso”, entre outras da Rede Globo. Em “Kardec”, Genézio é o Padre Boutin.



LEONARDO FRANCO

Foi na faculdade de Psicologia que Leonardo Franco teve os primeiros contatos com as Artes Cênicas. Seu primeiro papel como profissional foi na peça “O Voo dos Pássaros Selvagens” e desde então atuou em montagens como “A Loba”, “Rei Lear”, “Engraçadinha - Seus amores e seus pecados”, entre outros. Na televisão também teve destaque em trabalhos como “O Quinto dos Infernos”, “Torre de Babel”, “Dupla Identidade”, da Rede Globo; “Preamar”, da HBO; “Questão de Família”, do GNT; “Belaventura”, “Terra Prometida”, da Record. No cinema atuou em longas como “Até que a Sorte nos Separe”, “Polícia Federal, A Lei é Para Todos”, “La Cordillera”, “O candidato Honesto 2” e “O Paciente”. Em “Kardec”, Leonardo é Sr. Carlotti, amigo de Allan Kardec.



DALTON VIGH

Dalton Vigh ganhou notoriedade do público ao interpretar Said Rachid, antagonista na novela global “O Clone”. Antes, o ator participou de produções como “Xica da Silva”, da TV Manchete; e “Pérola Negra”, do SBT. Na Rede Globo esteve também em produções como “Terra Nostra”, “Vidas Cruzadas”, “A Casa das Sete Mulheres”, “O Profeta”, “Duas Caras”, “Cinquentinha”, “Fina Estampa”, “Salve Jorge”, entre outros. No cinema, o ator participou de produções como “Mais uma vez Amor”, “Mulheres do Brasil”, “Meu Amigo Hindu”, “A Comédia Divina”, entre outros. Em “Kardec”, Dalton interpreta o Sr. Dufaux.



JULIA KONRAD

Atriz e cantora, Julia Konrad, é formada em teatro musical pela American Musical and Dramatic Academy de Nova Iorque. Estrou na televisão ao participar da novela “Geração Brasil”, da Rede Globo. Além da novela, a atriz também participou de outras produções globais como “Sete Vidas”, “Malhação”, “Rock Story”, “1 Contra Todos” e o “Sétimo Guardião”. No cinema, participou de filmes como “Allure” e “Paraíso Perdido”. Em “Kardec”, Julia vive a médium Ruth-Celine.



JÚLIA SVACINNA

Mesmo nova Júlia Svacinna já tem em seu currículo participações em produções de sucesso. Na televisão a atriz já atuou em novelas da Rede Globo como, “Além do Tempo”, “Império” e “Guerra dos Sexos”. No cinema esteve presente em produções como “Menina Índigo”, “O Vendedor de Sonhos” e “Um tio quase perfeito”. Em Kardec, Júlia interpreta Caroline, uma das médiuns que ajuda Kardec.



LETÍCIA BRAGA

A jovem atriz Letícia Braga tem apenas 13 anos, mas já marcou presença em séries, novelas e filmes de sucesso. Iniciou sua carreira na novela da Rede Globo “A Regra do Jogo” e também participou de outras produções globais como, “Justiça” e “Os Dias Eram Assim”. No canal Gloob Letícia faz parte do elenco do seriado infantil “Detetives do Prédio Azul”. No cinema, já atuou em filmes como “D.P.A: O Filme”, “A Menina Índigo”, “D.P.A 2 - O Mistério Italiano”. Em Kardec, Letícia vive a médium Julie.



LOUISE D'TUANI

Louise D'Tuani demonstrou muito cedo seu interesse pela dramaturgia. Logo aos 15 anos estreou na novela “Prova de Amor”, da Rede Record, e desde então acumula papéis em seu currículo. Na televisão participou de trabalhos como “Luz do Sol”, “Caminhos do Coração”, “Os Mutantes”, “Ribeirão do Tempo”, todos na Rede Record; “Malhação”, “Em Família”, “Rock Story”, da Rede Globo; “Magnífica 70”, da HBO. Louise também já atuou no cinema em filmes como “Xuxa Popstar”, “Você se Parece com Todo Mundo”. Em “Kardec”, ela é a médium Ermance Dufaux.

PRODUÇÃO



A Conspiração é uma das maiores produtoras independentes do Brasil. Cria e produz conteúdos para Cinema, Publicidade, TV e Streaming/OTT, Branded Content, Serviços Digitais, Mídias Sociais, Arte e Música. Com 36 títulos de longas lançados e mais de 100 horas de programação de TV produzidas por ano, tem 6 indicações ao Emmy International por séries como "A Mulher Invisível" (TV Globo), "Um Contra Todos" (Fox Channel) e "Mandrake" (HBO) - vencendo com a primeira o maior prêmio da TV mundial. Outras produções de destaque são as séries "Sob Pressão" (TV Globo), Detetives do Prédio Azul (Gloob), "Magnífica 70" (HBO) e Desnude (GNT). Com produções cinematográficas distribuídas no Brasil e no exterior por empresas como Sony Pictures, Warner Bros, Disney, Paramount, Fox e Universal Pictures, já participou de todos os maiores festivais do mundo, incluindo Cannes, Berlim, Veneza, Toronto e Sundance. É responsável por grandes sucessos como "Vai que Cola - O Filme", "A Mulher Invisível", "Gonzaga" e "Casa de Areia", além de "Eu Tu Eles" e "2 Filhos de Francisco", que foram a indicação oficial do Brasil ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Em 2017 criou o primeiro núcleo formado apenas por mulheres dentro de uma produtora brasileira de audiovisual: a multiplataforma Hysteria.

DISTRIBUIÇÃO



A Sony Pictures Entertainment (SPE) é uma subsidiária da Sony Corporation of America, uma subsidiária da japonesa Sony Corporation. As operações globais da SPE abrangem produção, aquisição e distribuição de filmes em cinema, home entertainment, televisão e mídias digitais; uma rede global de canais; operação de estúdio, desenvolvimento de novos produtos audiovisuais, serviços e tecnologias. Tudo isto representa a distribuição de entretenimento em mais de 140 países.

Com presença marcante no mercado nacional, a Sony Pictures distribuiu e/ou coproduziu no Brasil, 22 dos 25 filmes nacionais lançados na década de 90, momento da retomada. Em 2018, através do investimento em inúmeras produções, apostando em novos talentos e diferentes gêneros ao longo dos últimos anos, a Sony chega à marca de mais de 60 filmes nacionais distribuídos e/ou coproduzidos, entre eles: “Deus é Brasileiro”, “O Auto da Compadecida”, “Carandiru”, “Cazuza”, “2 Filhos de Francisco”, “Meu Nome Não é Johnny”, “Chico Xavier”, “Xingu”, “Tainá”, “Confissões de Adolescente”, “Um Tio Quase Perfeito” e “Entre Irmãos”.